

ANNO. I

SULTANA

NUM. 9

REVISTA MENSAL, LITERARIA, CRÍTICA, HUMORÍSTICA E ILUSTRADA
DIRECTOR : CASIMIRO BRITES FIGUEIREDO

JUNDIAHY, 30 DE MAIO DE 1925



A scintillante estrella
MADGE BELLAMI que
brilha no firmamento
cinematographico ame-
ricano.

SULTANA

REVISTA MENSAL JUNDIAHYENSE

Expediente

Assignatura annual:	12\$000
Numero avulso:	1\$200
Numero atrasado:	2\$000

Pagamento adeantado

Toda a correspondencia deverá ser dirigida ao Director, snr. Casimiro Brites Figueiredo e endereçada a Avenida Dr. Cavalcanti n. 84 — Jundiahy

Publicaremos gratuitamente photographias, instantaneos, « charges », caricaturas etc. enviados por nossos amigos e assignantes. Daremos sempre preferencia a assumptos que se refiram a vida de nossa terra.

Acceitamos collaborações mas não publicaremos artigos politicos, polemicas, criticas ferinas etc. Não nos responsabilizamos pelas ideas expendidas pelos collaboradores.

Não devolvemos originaes, mesmo quando não publicados.

Todo e qualquer assumpto que se relacione com « Sultana » deverá ser tratado com o Director

Maria Paula

NO repertorio sadio da Grande Companhia Brasileira

de Sainete Abigail Maia - Oduvaldo Vianua, que actualmente faz as delicias da platéa curitybana, no urucubacado Guayra, onde até os morcegos, durante as representações fazem os seus voluteios pela sala, para mal impressionar os espectadores, figura a hilariante sainete-farça « O Belchior da Sorte ». Satyriza elle costumes da colonia syria de S. Paulo. É uma fabrica de gargalhadas, como se costuma dizer, das peças que exploram a comicidade. Nelle, vive uma pobre velha chamada Maria Paula. Esmolando, chorando a perda de sua filha, « da sua querida filhinha », contrasta inteiramente com toda acção da interessante sainete-farça em 3 actos, original de Alfredo Vaccarezza, adaptação de João de Talma e encenação de Oduvaldo Vianna. Coube fazer esse papel no espectáculo de quinta feira ultima, á sra. Appolonia Pinto. A consagrada actriz, hoje de cabellos brancos, nesse papel, conseguiu reviver aquelles dias de ha 30 e muitos annos, quando ne apogeu de gloria da sua carreira artistica, fazia vibrar Curityba d'antanho.

Maria Paula, encarnada em Appolonia Pinto, percorrendo o palco do maquiado Guayra, esmolando, procurando o miseravel seductor da sua querida filhinha — « tão boasinha ! » — e levando á Nazira o presente de casamento, encontrou sublime interpretação.

Maria Paula foi admiravel !

No papel de Maria Paula, de um sainete-farça, alcançou Appolonia Pinto, no fim da sua longa vida artistica, mais uma victoria, que poz em evidencia todas aquellas que de ha muito a vem consagrando uma das maiores interpretes do nosso theatro.

E, é com um sabor extraordinario que confirmamos e denunciemos neste commentario, as palmas que batemos em momento tão espiritual. Em nada foram ellas inferiores ás de outrora quando essa grande artista fulgia no apogeu de gloria da sua carreira de actriz sempre victoriosa.

Mais uma vez — palmas !

LE'O JUNIOR

Curityba — Paraná
11 — 5 — 1929.



CASA LIMA

com armazem
de seccos e
molhados finos,
louças,
ferragens, etc.



J. LIMA & CIA.



Rua Vigario J. J. Rodrigues, 28

Phone, 112 - Entrega á domicilio - Jundiahy

A BARCA

SÃO JOÃO

□ □ CONTO □ □

(Lembras, Manoel Pontes, por aecaso da barca « São João » quando moravas no litoral ?)

Ancorada no porto, segura por gróssas amarras de linho, bem engastada nos béques, a barca São João, baloioça, agitada pelo vendaval de sudoeste que sopra. Entardecia. Um bando alegre de travessas crianças, na praia, brinca, entretido em apanhar e amontoar a areia cristalina que a onda impetuosa atira, formando cordões quasi dobrados de alvissimo lençol. Lá no infinito, no horizonte sem fim, aos poucos o mar se agita, revolucionando os elementos que avançam aos turbilhões. As ondas furiosas, em revira-voltas, cada vez mais violentas, quedam-se sussurrantes e mais avançam ao longo da praia deserta, arremessando suas vagas á terra, tambem, os caranqueijos mrinhos que a creança da garrula, recolhe em suas redes praias. E alli naquelle divertimento ingenuo, acham graça no espernear do molusculo indefeso que agita no ar suas pernas em attitudes de defesa. E assim o tempo passa. Cançado daquelle divertimento infantil o bando garrulo e irrequieto, corre agora célere de um para outro lado, — sem se aperceber do temporal que se aproxima — e afasta-se para longinquo porto, e, eis que depara trocando sobre as ondas uma barca de pescador. É a São João. O grupo, para Filhos de beira mar, aquella barca alli ancorada é pa-

ra a petisada, motivo de jubilo, e enfrentando as vagas, ora mais volumosas, calças arregaçadas, esses trelegos praianinhos, n'um segundo galgam a prôa e um a um abancam-se sorridentes, vendo satisfeitos, o seu baloiçar irrequieto. Eram 8 ao todo, que de dentro da embarcação caçavam e riam de um dos companheiros, que tímido, não quizera associar-se aos demais. As galhofas repetiam-se amiudadas vezes ao petiz que sorria atarantado.

— Vem Manoelito, vem!... Nem pareces filho de pescador... Nem pareces que és da praia...

— Vem sentar connosco na São João, gosar do bater sonoro das vagas no casco rijo do nosso barco!...

— Vem! Nascermos na praia e não devemos ter medo do oceano. Anime-se! Vem! Manoelito...

— Eu não sou tímido... tampouco tenho medo de ondas bravias... não posso me molhar hoje... disse desculpando-se e envergonhado o Manoelito.

Um delles, o mais travesso, o mais ousado, não pensando no perigo a que se expunha e aos seus companheiros, por traquinagem tenta erguer a ancora. Os outros o acompanham nesse gesto louco e ousado e algum tempo depois, desprezando-n'a da areia. Soltar em seguida as amarras ligadas foi obra de instantes. Uma vaga impetuosa, nesse instante, se atira de chofre na barca que se agita bruscamente e arrastada pelo formidável impulso começa a deslizar sobressaltada, aos piparotes, sem governo, para o largo. Uma ave marinha, acossada pelo temporal, rufando as azas peçadas, estridula agourentamente, poucos metros acima da barca. Um

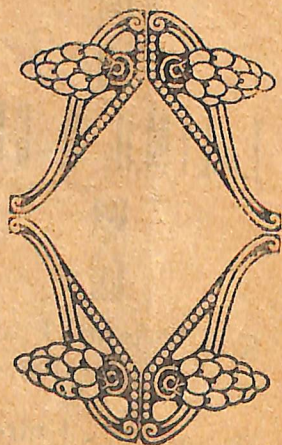
grito tremendo de dor, de desespero, parte unisono de todos aquelles peitos juvenis. Era demasiado tarde: o perigo está imminente. No horizonte, nuvens pretas se embollam, ameaçadoras. E a barca caminha camballeante qual casca de lóz levada pelo vendaval. Pleno Oceano. No pelago immenso, aquelles infelizes seres, avançam mais e mais. Gritos lascinantes em vão, soltam:

— Socorrei-nos por misericórdia... Socorrei-nos... e os seus gritos de dor e de desespero são abafados pelo rugido da tormenta implacável.

De vez em quando, no clarear, no lusco-fusco da descarga eléctrica, vê-se um pontinho negro na vastidão do oceano, que se debate indefeso em uma lucta tremendamente desigual.

**

Manoelito corre sem saber para onde. Exhausto, medroso, atira-se genuflexo pela areia húmida e levantando suas mãos puras para o céu, agradece ao seu anjo da guarda o estar alli e implora, constricto, à Nossa Senhora dos Afflictos, que salve seus inditosos companheiros, de um destino tão cruel.



**

Meia noite. Noite tenerosa. Grossas bategas d'aguas jorram incessantes. Dois vultos de corpuleos marujos, em fragil batel enfrentam impavidos o furor das ondas, guiados pela luz rápida dos relampagos. Vão á todo o remo em direcção ao ponto minúsculo que se debate agora entre rochedos gigantes. Um d'elles traz, envolto no capuz negro, bem saliente uma imagem da Senhora dos Afflictos. As vezes beija-a com ardor e aquelles labios rusticos murmuram com fé:

— Senhora! Salvai esses entesinhos. Poupai-os por piedade!...

**

Os dois pescadores de olhares fixos nas penedias proximas, caminham mudos. Estão promptos á alcançar a « São João ». Um delles avistando a pouca distancia, rompe o silencio.

— Viste a alli em frente ao Pontal da Cruz?

— Estou vendo! Remar, remar, o mais depressa possível que já a abordamos... E aquelles dois abnegados, com esforços inauditos, levam de vencida o fragil batel que singra, sulcando as aguas, revoltas.

— Vês, ainda?

— Sim! Agora a estibordo. Precisamos alcançá-la antes que se choque entre os rochedos!?

— Vês ainda?

— Não a vejo mais!?

O do capuz negro espiçou mais o pescoço. Uma descarga eléctrica nesse momento illuminou o vasto scenario da tragedia. E o infeliz, cravando o olhar no ponto negro, saltou um gemido profundo:

— A São João naufragou!... Meu filho morreu!... Vejo vultos que se debatem nas aguas!

— Senhora! Salva-los por piedade.

— Remar, remar, remar... foi o seu grito de desespero.

Alvorada. O sol no occaso, ergue-se rubro, esparando seus focos de luz sobre o mar azulado, que serenamente desliza.

Uma prancha de madeira, sovada pela refrega, oscilla nas vagas mansas, rodeada por outras e assim como irmãs na desgraça marcham empellidas pelas ondas, para destino ignoto.

Essa prancha, traz o letreiro — « Barca São João » —

Maio de 1929

ARO

A MELHOR SOLUÇÃO

N'uma mesa d'hotel, uma senhora, que está jantando, ordena ao criado:

— Kapaz, abra aquella janella, que morro abafada!

Outra do fundo da mesa, muito abespinhada:

— Kapaz fecha a janella, senão morro de frio!

— Abre já te disse!

Fecha, mando eu!

Então um commensal impaciente, grita lá do seu logar:

— Fecha até que morra uma e depois abre para acabar a outra, com mil diabos!

Prefiram o

Salão BUENO

Barbeiro e Cabelleireiro
de

Quinzinho Bueno

Recentemente aberto
nesta cidade.

20 - Capitão Damasio - 20

Jundiahy

Casa de Modas

Fazendas, Modas e Armarinho, Chapeos para Senhoras e Creanças

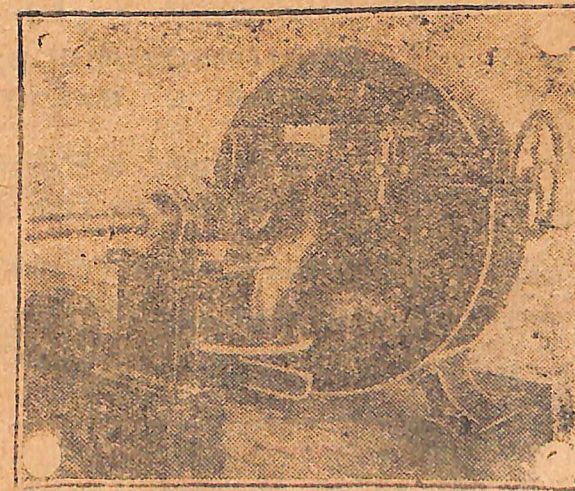
Mad. Maria Carletti

Rua Barão, 87 --- Telephone, 287

JUNDIAHY

A ELETRO-METALLICA

Fabrica de turbinas hydraulicas



Postes de ferro para linhas. Tubos de ferro batido.

J. KLOVRSÁ, Engenheiro

TELEPHONE, 1-5-3

Rua Barão de Jundahy, 1 — JUNDIAHY

E. de São Paulo



Pharmacia Italiana

Rua Barão de Jundiahy, 100
Telephone, 21
JUNDIAHY

M. BRIZA & Cia.

Completo sortimento de
productos chimicos e
pharmaceuticos, nacio-
naes e estrangeiros.

Esmero e Escrupulo.
Preços modicos



SÉ GRÃO FEMININA

Medalhões

ENSINHA PACHECO —
um pedaço de céu azul da
Bella Hollanda, onde mo-
lhos de azas abertas ao
vento rodassem o rodopio
fascinante da vida... um
campo immenso de tulipas
multicores, orvalhadas,
cheias de perfumes e mys-
teries.

ZININHA LOBO da COS-
TA — um diadema d'oiro,
aspiração sublime das jo-
vens eleitas, experimenta-
do á luz dos cirios das lin-
das estrellinhas em noite
de luar, ante o espelho que
reflecte a scintillação do
diadema e a face vermelha
da noiva, semi-adormecida
em um sonho roseo, im-
mensamente lindo...

LYDIA OLIVEIRA — um
pouco do presente revol-
vendo as cinzas do passa-
do. Uma carta que se es-
queceu na gaveta aberta
de um movel qualquer, mas
que se vae, consultal a no-
vamente, evocar dias feli-
zes, dar vida ás sombras di-
luidas na penumbra da noi-
te...

LINDA PETRONI — sim,
linda como uma flor que
se vae abrindo aos pou-
cos, deixando as corollas a-
bertas aos raios vivifican-
tes do sol... linda como
uma illusão que brota de
uma vaga aspiração e que



cresce ligeira até encher
o vacuo aberto em um co-
ração.

ROSINHA GALLO — a
saudade de alguém que se
deixasse em outras terras,
por uma manhã fria, sob o
cair da chuva... a loco-
motiva resfolegando com
uma vontade louca de par-
tir e esse alguém accenan-
do longe um leço que re-
corda uma particula de fe-
licidade vivida, e que se
vae molhando sob a chuva
inclemente e... enxugan-
dos as lagrimas saudosas...

ARISTIDES MACHADO —
a alma de Chopin vibran-
do nas teclas que gemem
sob a pressão dos seus de-
dos geniaes e que evocam
dentro da noite, amores,
doloridos... beijos en-
venenados...



LUIZ GONZAGA de CA-
MARGO — um sonho bom
que como as espiraes azu-
es saem do cigarro acce-
so desfazendo-se no espa-
ço, uma alma de ouro a-
prisionada em um corpo
material.

FRANCISCO EFFEMBER-
GER — um amuleto que
se guarda com avareza e
que pelos mysterios conti-
dos nos papyros que o a-
companha preserva o pos-
suidor de muita cousa, tor-
nando-o feliz em amores e...
em casamento. Um grão
de incenso que religiosamente
se queima ante as
effigies de divindades des-
conhecidas.

NILO BORGONOV —
um dialogo quente de a-
mor em noite de luar, um
desejo vago... um pedi-
do... um beijo de fogo
sellando dois labios que
mutuamente se procuram e
que medrosamente se afas-
tam... Uma carcia leve
como a briza, um mundo
de illuzões...

ARMANDO COLAFERRI —
o homem que aspira al-
go de victorioso na vida...
hontem boxeur, hoje jor-
nalista e poeta, amanhã
não sei, talvez o exemplo
de pae carinhoso, acarici-
ando nos joelhos os filhos
lindos, ensinando-lhes a
arte da metrificação.

Lagrima Occulta.

POSTAL

Ao Léo Junior

« Cartões Azues » ! « Cartões Azues » !

É um artista e é um fidalgo o burilador de « Cartões Azues ». É um artista, porque através da leitura suave que o lindo volume me facultou, o seu espirito de estheta da penna, manifestou-se em toda a plenitude de seu genio procreador. É um fidalgo, porque o seu gesto, offerecendo-me os lindos « Cartões Azues », é proprio dos aristocratas que tem a sua historia heraldica gravada em todos os corações que a sua propria fidalguia conquistou. Sinto-me feliz em ter encontrado um admirador na terra dos pinheiraes. Sinto-me contente pela amizade espiritual que conquistei. E ao ler o seu quasi ultimo « Cartão Azul » eu senti a alma enlevada, o coração innundado de vera gratidão. Voltei « eu pensamento para a sua linda terra e quiz fazer-lhe um pouco minha e para isso tomei as suas palavras que a fizeram tão bella: « Tudo canta no teu dadivoso seio nesses dias de muito sol, de muito azul, de muita luz, em grandes ondas e brancas e azues levantando-se no espaço ! »

PEROLA PALLIDA

PERGUNTAS INDISCRETAS

Parece existir no sorriso do Tenente Faustino, um « que » de forçado, de extranho ! Será a desillusão de um amor infeliz que o faz sorrir assim ?

O inconquistavel Paulo M. S., não terá ainda sentido no coração o frio que a ausencia de affectos femininos causam e com o qual todas as esperanças feneceem ?

Guiado pela luz brilhante dos fados o Alaor R., chegou a Jundiahy e rendeu-se, vencido aos encantos de uma Jundiahyense e agora pergunto: — Amas e és amado ? És feliz ? !

Quando cangará o Carlito P. J. de adejar pelos corações femininos, amando a um só, prestando culto a uma só deusa, deixando assim em paz as que aspiram pelo seu amor ?

Um ar de tristeza paira sempre no semblante de José B. Será a saudade de um amor que se foi ou o causticar de um amor que ainda se agita em seu peito ?

Quando aos domingos a Ina T. passeia pelo jardim sua graça tentadora, não sentirá a ausencia de alguém que longe vive e que as vezes aqui vem ?

Quando passa pela Rua Barão, a Alice O. para sempre ante as vitrinas da Casa Ettemberger. Qual o desejo que os seus olhos e o seu coração desejam realizar ?

Porque a Maria R. conserva sempre e sempre no rosto um ar triste, melancolico ? Qual a tristeza que habita seu coração e que assim se expande no brilho de seus olhos ?

Porque será que a Trude W. conserva-se sempre tão quietinha, tão retrahida, com um olhar meigo perenne, como se fosse um anjo do

ceu em peregrinação pela terra ?

Lindos são os cabellos enlourados que emolduram o rosto da Ophelia L. ! E porque será que ella até hoje anda não os sacrificou aos caprichos da moda, cortando-os modernamente ?

MEXERIQUEIRA

Dizem que...

... até agora o Aguinaldo P. não entrou no goso das ferias promettidas após os trabalhos da luta do ultimo concurso de belleza.

... o Natal C. foi á Pirapora á cavallo e que numa subida o cavallo estava sobrando, deixando-o em apuros.

... o Aldo P. anda arreducido dos amigos porque o amor vive de illusões e os amigos lh'as destroem scepticamente.

... o Lauro F. está ago-

ra amando novamente porque o seu coração não pode ficar orphão de affectos por muito tempo.

... o Antoninho P. desbriou um novo sorriso conquistador ao qual mulher alguma resistirá por muito tempo.

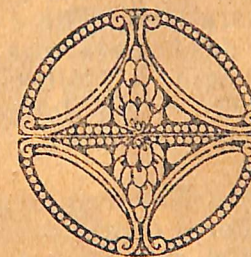
... o Marcello B. vae deixar de dançar porque a deusa de seus sonhos assim quer, para não vel-o em braços de outras aos languidos accordes da musica.

... a Rosinha G. já não vem com tanta frequência á cidade, porque o seu principe encantado desce sempre á Villa paravel-a.

que parece que em seu coraçãozinho está germinando a semente do amor.

... a Elza P. atravessa agora a mais bella da existencia, a quadra despreocupada da juventude em que é — menina e moça.

Linguinha de Prata



cessar, emfrentando todas as arremetidas dos ingratos. forçosamente vencerá e se for vencido ainda deixará um exemplo de perseverança para symbolisar o seu trabalho.

A mulher foi creada para ser tratada como flor delicada e a menor rajada crestalhe a belleza. Porisso colloquemol-a com carinho dentro do jardim do amor e ella será feliz.

Se a terra não tivesse altos e baixos, os olhos humanos não distinguiriam panoramas novos e o tédio bem cedo tornaria a existencia insuportavel.

Postaes esquecidos

Ao A. Pellicciari

Não sei qual a atracção magica que tem para a minha alma anciosa e virgem de affectos, os sons agonisantes do teu violino d'oiro. Não sei. Quando pelas noites perdidas no silencio, os teus dedos convulsos vibram as suas cordas doridas, eu não sei si é o teu violino que chora ou si sou eu que recolho em um lençinho azul as lagrimas que rolam pelas minhas faces tristes. A alma do teu violino é igual á minha alma. Adormeço pela sonoridade dos seus gemidos, sonhando sonhos lindos e promissores para accoradar depois, na penumbra da minha alcova triste, sosinha, sem a alvorada radiosa desse teu violino celestial.

JUREMA

... a Alice O. vae iniciar o seu «Diario» cantando a historia do seu primeiro amor, que é sempre o mais verdadeiro.

... a Guaraciaba O. vae se tornar avara do seu sorriso, porque elle estontece muitos corações e põem em palpos de aranhas muitas almas.

... a Rebecca J. iniciou um novo amor na certeza de que agora encontrará a felicidade antevista em seus sonhos alcandorados de moça.

... a Dulce R. anda tão retrahida, tão melancolica

Folhas Soltas

O despeito é uma chaga que atormenta sempre áquelles que não podendo vencer na vida por falta de coragem, procuram tirar o puz da ferida para tentarem contaminar os que passam com um olhar de misericordia e de despreso.

O homem que luta sem

A historia da humanidade se constitue de symbolos e o homem pode bem ser o symbolo da fraqueza.

A mulher, pelo encanto e pela formosura, não pode deixar de ter sido creada duma lagrima de Deus. Só assim se explicará o seu grande poder de seduzir com lagrimas.

Encantadora donzella Linda rosa inda em botão; Imagem d'uma procella Sobre lavas dum vulcão Affagando flor tão bella.

Rosa do Prado

«A casa dos horrores», é o título de uma obra da First National, dirigida por Benjamin Christiansen e é uma cinta que bem podia chamar-se «A Cinta dos Erros». Destes, o maior erro é permitir que se distribua. É evidente que se fez um esforço para produzir outra dessas obras amedrontadoras, cujo enredo se desenvolve no conhecido casarão abandonado e habitado por phantasmas. Este genero de argumentos está passando de moda e este film é o peor talvez que se produziu com essa classe de enredos. É pena que Louise Fazenda, Chester Conklin e William V. Mong, entre outros, tenham actuado nesta pellicula. O seu trabalho parece insipido e muito abaixo da norma estabelecida por elles. Entretanto não foi culpa sua.

«O Surdo Mudo», é o título de uma pellicula da Paramount, dirigida por Robert Milton. O papel principal é representado por um menino de doze annos, Mickey Bennett, cujo sonho dourado é ser detective. Uma agencia de detectives, encarregada de descobrir o paradeiro de u'a moça que havia sido sequestrada, resolve, depois de infructiferas pesquisas, que a unica maneira de descobrir quem são os sequestradores e encontrar a moça é facilitar o sequestro de Mickey. Depois de apparentar que é filho de gente rica e surdo mudo de nascimento, Mickey é sequestrado pelo bando de malfetores e depois de muitas peripecias, consegue libertar a moça e fazer com que os bandidos sejam aprisionados. Este film offerece uma serie de aventuras, umas comicas e outras excitantes e agradará a todos os

Telas & Fitas

que apreciam os argumentos policiaes. Nessa pellicula as scenas de amor, brilham pela sua ausencia.

Bebe Daniels, acaba de receber o seu brevet de piloto e aviador. Não tanto por amor á aviação, como por amor a Ben Lyon, o jovem actor com quem se casará logo. Elle é aviador desde os tempos em que filmára «ANJOS DO INFERNO». Em Hollywood quem não corre... vò.

Ramon Navarro, acaba de perder o menor de seus irmãos em consequencia de um accidente de futebol. O sentimento do actor mexicano é tão grande, que se pensa que elle não realisarà a sua annun-

ciada viagem á Europa. Porem, nada se pode assegurar ainda.

Patsy Ruth Miller, volta aos grandes ateliers — depois de haver passado alguns annos interpretando papeis quasi secundarios — como primeira dama de Jack Mulhall, na pellicula da First National «TWIU BEDS».

Leatrice Joyce, é a ultima aquisição da First National. Sua primeira pellicula para essa empresa será fallada, procurando-se actualmente thema e director.

Pequenas Noticias

Billie Dove, tem 26 annos.

Samaniego é o verdadeiro sobrenome de Ramon Navarro.

FITEIRO



A dupla comica
Sammy Cohem—
Jack Pennick que
fez o publico rir

no film
VIVA
PARIS

Revista mensal, literaria, critica, humoristica e illustrada



Treze de Maio! Liberdade!

A alma brasileira, profundamente emotiva, peculiarmente sensível, chorava, vertia lagrimas sentidas, provocados pela dor que lhe causava a existencia da escravatura negra na prodiga e rica terra em cujo céu scintilla a mais bella de todas as constellações — O Cruzeiro do Sul. Instituição torpeza encher de tristeza os corações verdadeiramente patriotas e affectivos, a escravatura negra enchia de opprobrio a nossa adorada Patria, roubando-lhe o direito de se jul-

gar um paiz civilisado, porque onde existe a escravidão não existe a civilisação.

Mas, num dia treze de Maio, surgiu a luz radiosa da liberdade, emanada da mão bondosa da Princeza Isabel, assignando um decreto que extinguindo para sempre a noção aviltante que nos enxovalhava. E hoje, brancos e negros, amados por um só ideal — a grandeza do Brasil — commungando um só credo — a fraternidade brasileira — trabalhando por um só lema — Ordem e Progresso — guardam no sacrario do coração immorredoura lembrança e eterna gratidão pela maior de todas as brasileiras — A Princeza Isabel.

Paysagens de minha terra

(Em 3 quadros e apoteose)

II

Fitas de cinema

Quadros futricistas

1º Quadro

Vasto casarão artisticamente talhado. Portaes soberbos que se abrem de par em par quando finalisa a « função ». Porteiro solenne, como solenne o é também seu « mathusalenaico » casacão, igual áquelle que usára Judas quando a temperatura lá da sua terra baixava a 40º grãos, ou então quando se constipava. Em frente ao colonial soberbo, bem alinhados, disputando freguezia os homens das « coixas » de velha gallinacea, dos quentões « gengibricos », das pipócas encartuchadas, dos cús-cús (sem malícia, mesmo porque é phenomenal) d'ovos e mariscos, « brejeiros ». E gritam ávidos de « nicoláus »:

— Olhem as « coixas » bem quentinhas ! lá diz o grego « coxeiro », historiador antigo.

— Pipócas ! Pipócas ! ? grita o fanhoso pipoqueiro com libra e meia de ... água ... no ... dente.

— Que friosinho ! diz um passante.

— Entra um quentão ...

— Quentão, rapaziada ! Quentão do Nitão é bão.

— Cús-cús, berra outro, gesticulando.

— Só cús cús ?

— Vamos comer cús cús ?

— Vá elle ! ...

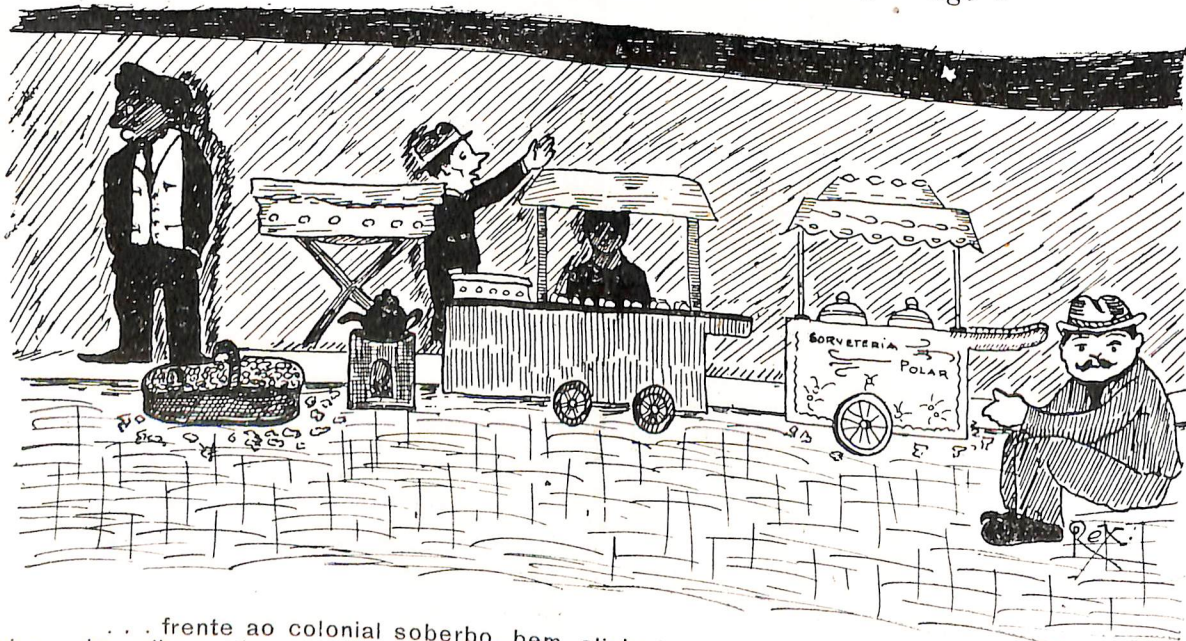
2º Quadro

Tilintar do sincerro (não puxa vida, é campainha). A turba avança qual « cossaco » regimento, espremen-

do entre os portaes a barrega me do « gravido » porteiro. Sua casaca, que tanto adóra, sua casaca, presente do Pero Vaz Caminha, coitada, já está em « frango e alhos » (não pensem que é avinhadalho), de tantas cotoveladas que recebeu na portaria do « muitas vezes te ama » !. Pizaram no seu respeitavel « churilico » 44 bico chato. Que judiação judiada ! Fizeram-lhe ver estrelas através das traves das travessas travessas. Antes fossem as « estrelas » da tela. N'est'hora (que perigo dinamico, santo Deus) não se lembrou das Lias — Torá e Putti.

— Não vê, « cavalleiro » que soffro de callos ?

— Se soffre, tanto peor « pra sigo »



... frente ao colonial soberbo, bem alinhados disputando freguezia, os homens das « coixas » de velha gallinacea, dos quentões ...



O porteiro e seu respeitavel «churilico» 44, bico Chato.

— Nem ao menos, desculpa péde esse insolente?!

— Ninguém mandou ter pé maior (em si bemol) que o cinema !

3º Quadro

N. B. — Antes de começar este quadro, tomem « folgo » que elle é puxado a fôle (mas que asneira ia eu dizendo, não é fôle, é follego).

Toque maestro. Vamos ver isso (não pensem que é o Verisimo). Um ... dois ... Trez ... Vai começar. Cahe a sáia (Puxa vida errei « otrefôa » é panno, panno, minha gente. E o panno escorrego de mansinho ... Innana grôssa ...

Na rua — um sahára profundo (significa deserto, portanto não é « incoerências ») Os ambulantes quitandeiros (ou versa-vi-ce, como queiram) agora se reúnem em volta dos seus fogareiros e esquentam suas « mãos », trocan-

do ideias sobre o « movimento movimentado »:

— Fiquei sem « coixas », não restou uma siquer !

— Quentão «houvesseão» que venderia !

— Café e pasteis, nem pra remedio mais !

— Cús cús ? Tchê nem sombra !

O grego historiador, mirando as estrelas, contempla embevecido o azulino firmamento das noites d'abril. (Não disse que precisava fôlle ?) Como são lindas as estrelas !

Pensa elle lá com seus « butuiras ».

Quão feliz fôra o grande Bilac que ti vêra a ventura de ouvir e contar lindas historias d'ellas, (isto lê-se separado) n'ua (seria o succo) noite (?) poetiza assim como esta ! ? ... É verdade, ouvir estrelas, como é delicioso ! Olhe aquella ! Que fulgor resplandescente ! ... Parece que sorri. Vou conversar com ella :

— Ouvi-me estrella, ouvi-me ...

— Ouvi-me estrella, ouvi-me ...

— Ouvi-me estrella, ouvi-me ...

— Ouvi-me estrella, ouvi-me ...

— Ouvi-me estrella, ouvi-me ...

— Ouvi-me estrella, ouvi-me ...

— Ouvi-me estrella, ouvi-me ...

— Ouvi-me estrella, ouvi-me ...

— Ouvi-me estrella, ouvi-me ...

— Ouvi-me estrella, ouvi-me ...

— Falla queridinho. já cá estou, mas não venhas de carrinho ...

Como ella será linda, lá na Grecia antiga, na Grecia do Pantheon, na mysteriosa India — o Edem cobiçado — e de fakires silenciosos. em Roma dos Calligulas, dos Néros, no Egypto dos hieroglyphos, das Pyramides magestas, dos Tutakamen de riquezas incontaveis ! Como me sinto feliz em inspirações o brejeira (A. Toledo) estrella da minh'alma. Alma minha gentil (follego camoniano) és feliz em contemplar-la. Quizera ter azas e voar pra ahi (puro francezismo) e depois nós dois percorreríamos á sós as antigas civilizações e mostrar-te-ia o bem amada companheira os esplendores de uma raça Ariana, penetraríamos, juntinhos, aos pincaros mais elevados do soberbo Hymalaia, banharíamos (que perigo, puxa !) nas aguas crystallinas e perfumosas do caudaloso Ganges ! Visitaríamos o mais famoso dos Fakires e apoderaríamos dos seus segredos immaculados. Tudo isso fariamos ol rutilante estrella ...

— Quanto custa uma coixinha ?

— Ora bollas ! Não vês por accaso que converso com aquella esplendorosa estrella ? Vens me estragar o capitulo, tirar-me desse doce scismar por causa da maldicta « coxa » ! ? ! ...

E dando um formidavel pontapé na ambulante « coxaria », o ariano, revirando uma ultima vez, com ternura, os olhos apaixonados, para a estrella dos seus amores :

— Vão p'ros quintos, coxas, bahús, cús cús ... (em marcha ré)

— Quero viver d'oravante, na Grecia dos meus so-

nhos, quero penetrar nos
mysterios da mystica Oriental Indú! Quero contemplar-
te ó amada estrella, do alto
das formosas pyramides!

Nada de coxinhas (aliás menos perigoso de se afogar). Nada de cùs cùs (afoga).

E. Tempo) Não disse
que era fólle de 7 gatos?

Apotheose

A luz se apaga. (Não vê que ella é boba).

A orquestra geme monotonamente puxada nos teclados de mavioso piano. (Belleza de hortaliça litteraria !) E a pellicula passa. Barqueiros do Volga cantam. No meio do salão, ao lado de graciosa « miss », nas cadeiras a bengala cantou mas não mudamente como os de Volga, cantou de facto e sua maviosa vóz foi sumindo aos pou-



cos na « crêca cheia de
« Fleur d'amour » de dan-
dy galanteador. Uma voz
se ouviu, roquenha, tre-
mendamente ameaçadora:
— Prá fóra seu bolina!
— Deslavado! (quer di-
zer lavou de traz prá di-
ante).

Risadas, commentarios,
panico. A orchestra pára
O salão se illumina, nova-
mente.



Os barqueiros (os das cadeiras) e as barqueiras se compõem, ás pressas. E o dandy gracioso peregrina pelo vasto salão de braços com a Exma Sra D. Policia. Trevas de novo. Os volgas verdadeiros, lá la fita, reman de facto (naturalmente sinão era um escandalo) contra o mar encapellado.

Os volgas das cadeiras
luctam, sem facto, com
maré favoravel. São antho-
ropometricos.

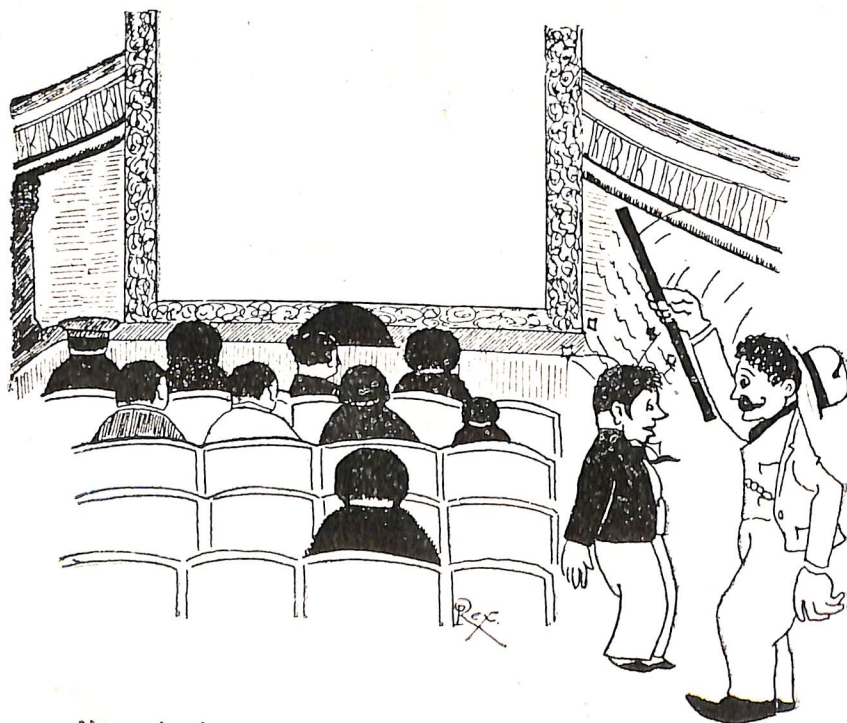
Infelizes barqueiros do
Volga!

Felizes barqueiros anthropometricos !

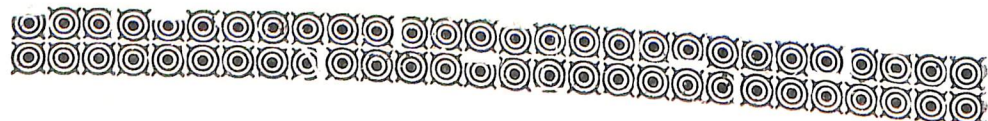
Tcháu bellezinhas.
Cahê o panno. (esta vez
disse certo.)

Mary Netti

Maio de 1929



No meio do salão, ao lado de graciosa «miss, nas cadeiras, a bengala cantou . . .



SONETO

(Com abundancia de coração, dedico estes sonhos meus
ao inteligente collaborador de "Sultana" — Alvaro Tristonho)

«Nosso corpo é tal qual uma torre fechada onde sonha, em seu bojo, uma alma encarcerada»

Adeus! Adeus, findou-se a primavera
Do amor fremente que eu julguei eterno...
Os sonhos me deixaram neste inferno
E o coração em nada mais espera...

Tudo morreu do meu viver superno;
Tudo definha em volta da tapéra
Sob a navalha desta noite austéra
Na immensidade deste meu inverno...

E essa tristeza exangue e dolorida,
Que em holocausto à desnudez da vida
Faz-me um mendigo, um pobre sonhador,

E' toda a historia de quem sabe amar !
A branca historia que nos faz chorar
Sobre os escombros do primeiro amor ! . . .

AVARÈ

Raul O. Delgado

Minha Mãe

Ao amigo Paulo Mendes Silva

Mãe, quando penso que este nosso amor,
Virá um dia separar-o a morte ;
E eu ficarei sem ter quem, me conforte,
No meu pezar, na minha grande dor !

Quando imagino que, ao sabor da sorte
Perversa ou bôa, irei triste me expôr ;
Soffrendo o pezo, a funeral cohorte,
De tanto desengano ou dissabor !

Fico suspenso sob um doce egoismo.
De\lutar contra a morte, contra o abysmo,
Contra o dragão que te quizer roubar!

Ah! se assim fosse e o redemptor me ouvisse,
Eu bemdiria oh! Mãe a tua velhice,
Ajoelhado junto ao seu altar!

Bebedouro, Abril - 929

ALBERTO LIMA

TYPOS POPULARES - JOÃO PRA'TUDO

(HOMENAGEM POSTHUMA)

Caríssimos leitores: Sultana, ao surgir á luz da publicidade, ao encetar neste valle de lagrimas, os seus primeiros passos de ingresso ao jornalismo, não teve e não tem outro escopo a não ser este — proporcionar aos seus leitores, horas de leitura amena, escriptos que perpetuem á posteridade a cultura das letras, para que possa mostrar á vindoura geração uma recordação do passado. E recorda! o é tão agradável. Claro está que se falla aqui do passado que deixa saudades, e, não do triste, porque ninguém gosta de reavivar aquelle de amargura. Não recordam, com saudades nossos avós, os tempos idos? Não nos mostramos empolgados ante descrições de outr'ora, e, não guardamos, com carinho religioso, documentos de éras remotas? Assim farão os nossos filhos.

Comparamos uma e outra epoca, e nesse espaço de tempo, abysmamos pela carreira vertiginosa do progresso e cá com os nossos botões, diremos — «Como eram differentes os costumes de nossos avós!» Assim dirão no futuro os nossos pósteros. Portanto, leitores amigos, nada ma-



is justo do que, eu, quer perpetuar aqui a memoria d'aquelle que foi o rei dos typos populares — João Prátudo — nesta homenagem posthuma. O rabiscador destas «mal traçadas linhas», desta chronica singela, ao passar em revista os typos populares da sua bagropolitana terra, abre parenthesis nesta secção, para collocar o retrato d'aquelle que foi o mais apreciado dos seus typos populares, cuja perda Jundiahy sente e sentirá «per secula seculorum». Amem.»

João Prátudo era querido. Negro na cor — branco nas acções — era excessivamente servil. Sempre risinho, cantador e merito dos desafios á viola, sustentava com espirito inoffensivo os embates das emboladas, saídas da sua alma poetica, da sua imaginação repentista. A rosa, sua flor predilecta, ostentava-a, diariamente, na lapélla, e, bem aberta, e enorme dava um que de gracioso no seu porte airoso foi um bohemio de fino convívio; intelligente, sabia ser fidalgamente popular. Era prátudo mesmo; e bem por isto muito o queriam. Ainda hoje existem, na Igreja Matriz, as matracas com que nos annunciava pelas ruas da cidade, as horas de Tormento, do Senhor, nas Semanas Santas. Ambas trazem bem gravadas as iniciaes suas. Talvez não haja outra cidade que tivesse a ventura de contar em seu seio, um typo assim iminentemente popular. Jamais se encontra e não sei si no porvir se encontrará. O 13 de Maio era sua festa maxima. No «28», — o club do João Prátudo, como diziam — nessas datas, organisava-se esplendidos bailes, que, não

só os seus apreciavam como tambem, os nossos. Que sambas maravilhosos o Prátudo, dirigia! A proposito deste heróe popular quanta cousa se podia dizer, mas, a falta de espaço me obriga a resumir esta chronica. Dos dados que ha tempos venho colleccionando de tudo quanto se escreveu do Jundiahy d'antanho e do modernizado, destaco este acrostico, que ha annos, não me lembra mais de que geito, veio ter em minhas mãos. Está elle gravado em um cartão, com seu retrato, e é bem uma despedida sentida, e vem patentar, sobremaneira, a estima em que era tido nesta terra, o querido typo popular: João Prátudo.

Eil o:

«Já vão bem longe, ó Jundiahy,
Os bons tempos em que, matraca á mão,
A' hora da missa, andava por ahi.
Ordeiro e alegre, o infatigavel João.»

Preto velho, de fraque amarrado,
Rindo ou cantando pelas nossas ruas,
A's vezes cheio de ironias cruas.
Seu nome em todos nós está gravado.
Um negro como tú, tão venerado
De mim uma certeza, enfim arranca:
O João Prátudo tinha uma alma branca.»

ARO

Um solteirão, visitando uma familia a quem fôra apresentado havia pouco, encontra na sala o pequeno Frederico, criança de sete annos.

— Bom dia, Frederico, não me conhece?

— Conheço — volveu o petiz. O senhor é, como diz a mamãe, a ultima esperanza da minha irmã Elisa!

BEIJOS . . .

O teu vulto altivo e airoso,
Vi passar hontem por mim.
Todo graça e maneiro . . .
O teu vulto altivo e airoso.
Quem será o ser ditoso,
Dos teus enlevos sem fim? . . .
O teu vulto altivo e airoso,
Vi passar hontem por mim.

Quizera eu sempre te vêr,
Envolta em minha caricia.
Duvidas? . . . Pois podes crer
Quizera eu sempre te vêr
Não busquemos descrever
O quantum dessa delicia . . .
Quizera eu sempre te vêr,
Envolta em minha caricia.

Curityba — Parana

LÉO JUNIOR

Faces & Fachadas

B. L. L.

Sobraçando uma enorme papelada,
Lapis, metro, compasso e outras cousas mais,
Sobe a ladeira bufando em disparada,
Para mais tarde sereno, descer lendo jornaes.

E um auto perfil do nosso caro amigo,
Que procura a todo o traize encher o seu mealheiro
Deixando o futuro em seguro abrigo.
Com um modestissimo diploma de engenheiro.

Trabalha aqui, retoca alli e acolá,
Um risco mais com mão firme elle dá,
E prompto um desenho bonito surge então . . .

Eureka! Os louros verdes da victoria.
Ornarão a fronte do Loureiro cá da historia,
E Sultana terá mais uma collaboração!

ALLI -- BABÁ

Estrella D'Alva

OLHOS DE ALGUÉM

PARA "SULTANA"

Por entre as estrelas milhões que brilhavam
No céu transparente, meus olhos buscavam
A estrella serena, dos céos o primor;
Mas, eis de repente nas azas da brisa,
A préce d'amores ardentes, desliza:
— Eu sou tua vida, tú és meu amor!...

E vi na penumbra da noite silente
A mim dirigir-se qual chamma luzente
Fanal encantado, de vivo fulgor;
Ouvi no silencio de extase e poesia
A voz sonora que então me dizia:
— Eu sou tua vida, tú és meu amor...

Olhar que convida viver nas alturas
Das auras celestes tão meigas, tão puras,
Qual fôco divino de raro esplendor;
Olhar que penetra com doce carinho
No peito ardoroso, dizendo baixinho:
— Tú és minha vida e eu sou teu amor!...

Olhar que em meu peito, sorrindo, fluctua,
Olhar que parece ser o raio da lua
Que a noite invejosa quizerá depor;
Si a luz de teus olhos não fosse divina,
Mais branca que a d'alva que segue a rotina
Do bem, da amizade, da graça e do amor.

Bem sei que teus olhos tão bellos, tão puros,
São guias perennes de roseos futuros,
São azas que alcançam os céos sem temor;
Bem sei que teus olhos me dizem fitando,
Palavras sinceras, gentis, murmurando:
— Eu sou tua vida, tú és meu amor...

Jundiahy, 10 - 5 29

L. TREBEIS

A. E. C. J.



Aspecto apanhado durante uma das vesperaes dançantes promovidas pela Associação dos Empregados no Commercio de Jundiahy.



Em Pirapóra

Apòs a devoção, o descanso à margem do magestoso Tietê.

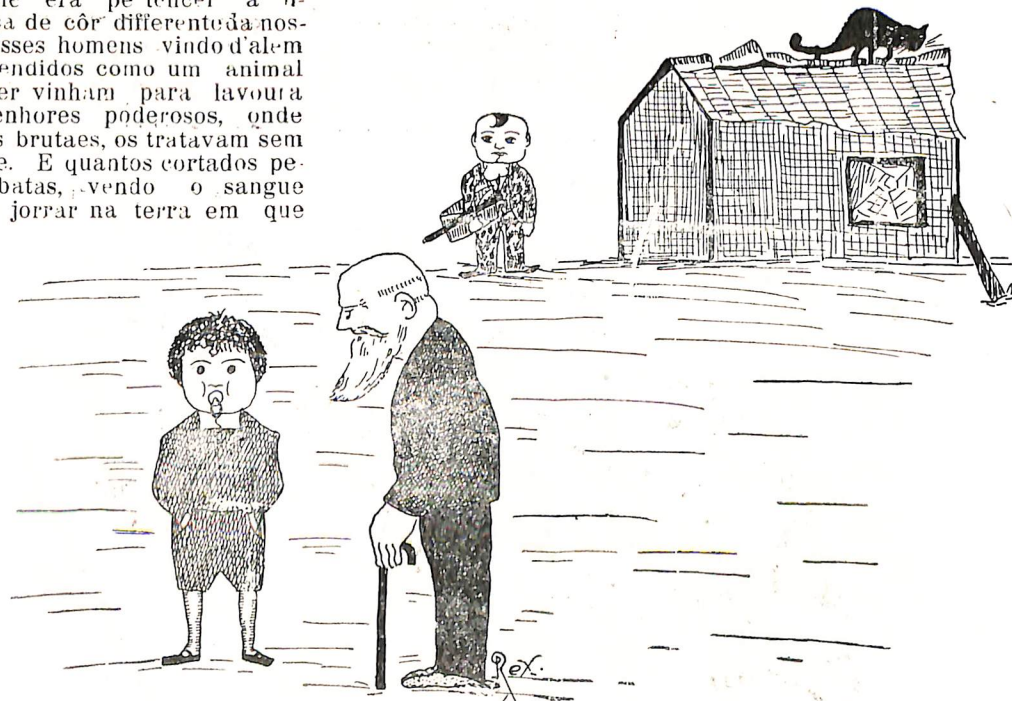


Minha deliciosa amiguinha. Quantos dias são passados, em que juntos, em um cinema local, olhos extasiados na tela branca, assistíamos o desenrolar de uma película magnífica a qual se não me falha a idéa tinha o nome de Aurora. Lembra-te daquela Jannete Gaynor, a estrella insuperável e daquele George O' Brien, o astro cujo nome já se apagará na constelação cinematographica? Esta lembrança, minha amiguinha, vem muito a propósito da data magna que se comemora neste mez de maio. Todo elle é cheio de datas memoráveis: — para nós os brasileiros, para os operários e para os nossos irmãos em Christo, para aqueles que se desfizeram do jugo brutal da escravidão em a ra-diosa manhã de 13 de Maio. É desta data minha amiguinha, que eu te quero falar, — im quero falar de uma conquista sublime alcançada pelos homens cujo único crime era pertencer a uma raça de cor differente da nossa. E esses homens vindo d'alem-mar, vendidos como um animal qualquer vinham para lavouza dos senhores poderosos, onde feitores brutos, os tratavam sem piedade. E quantos cortados pelas chibatadas, vendo o sangue quente jorrar na terra em que

as gottas do suor se perdiam, vinham a succumbir entre os mais dolorosos soffrimentos. Mas eis que um dia, uma lei, vem declarar livres os filhos desses parias sociaes para mais tarde declaral-os a elles proprios libertos, e reintegra-los á sociedade. Elles tiveram a aurora de um dia esplendidamente festivo. E eu, meu amor que rendi-me ao jugo do teu coração, que tornei-me escravo da tua vontade sinto-me imensamente feliz por esse doce jugo que aos poucos vae unindo os nossos corações, indetificando os como duas gottas d'agua crystallina se indetificam até tornal-os em um só. A minha aurora está, razão pela qual eu prefiro esse jugo suavissimo que o teu coração me impoz. Ha libertades prejudiciaes. Antes encarcera-

"O AÇOUQUE"

« Contra todas as expectativas o celebre barracão do « Açouque de Emergencia » continua de pé ». Voz do Povo



O filho — Papae, porque não derrubam aquelle barracão?
O pae: — Não, meu filho! Elle nos falla do Jundiaby antigo. Foi alli que D.ª Petronilha Antunes, a fundadora de nossa terra, comprou o seu primeiro kilo de carne.
O Papudo (de si p'ra si) E os historiadores não sabem disso!.

do como passaro amado na gaiola dovrada do teu coração, do que liberto, correndo o muddo atraz de perdidas illuzões.

SERGIO

✻ ✻

"Sultana"

Com algum atrazo, circula hoje o numero de « Sultana » correspondente ao mez de Maio. Motivou esse atrazo a greve dos trabalhadores graphicos da Capital. A casa a qual confiamos a confecção de « clichés » está sobrecarregada do serviço e dahi o retardar os destinados a nossa revista. Para não retardarmos por mais tempo a circulação de « Sultana » o presente numero está grandemente sacrificado em sua illustração, pois ainda não recebemos tsdos os clichés. Mantemos a eapa a data de 30 de Maio, pois na certeza de que « Sultana » circularia nessa data fizemos imprimir a capa. Dessa e de outras iacunas de que está resentindo o presente numero, os nossos presados leitores nos desculparão e vamos convidar os melhores exiarços no sentido de evitar no futuro a repetição destes factos bastantes desagradaveis.

A VIDA

Dentro de um sonho, o que é a vida? ... — E' flôr!
Bem alva ou rosea que perfume espalha,
Inebriando nos com o seu frêscor,
Até que surja, alfim, uma mortalha! ...

Dentro da vida, o que é a vida? ... — E' amor!
Bravo dos bravos firme na batalha ...
Sangrando embora o coração de dôr,
Sempre esperança nelle se agasalha!

A flor. O amor. Aquelle sonho ... A vida.
Tudo a se extinguir, assim, suavemente,
Mal descobrindo o mal de uma ferida ...

E o mortal ora triste ora risonho,
Victima imbele, victima innocente,
Deixa correr a vida como um sonho! ...

Curityba — Paraná

LÉO JUNIOR

« Em o ultimo numero de « Sultana » o Papudo, não appareceu, »

Voz do Povo



O passeante: — Por onde andaste, « seu » Papudo, que não appareceste o mez passado?

O Papudo: — Em todas as redacções de jornaes e revistas ha um sujeito importante, que as vezes se oppõe aos nossos desejos. — E como é que elle se chama? — « Falta de Espaço ».

Sultana e os GAROTOS

Ao que parece, é Ernesto Mattoso, nas *Coisas do meu tempo*, quem reduz as suas justas medidas aquelle episodio, que anda por ahi muito mal contado, do jantar de Pedro II em casa de Victor Hugo.

Dos episodios da vida do

dade do monarcha brasileiro.

Mas, a ser verdadeira a historia como ella anda por ahi nas chronicas, nos registros de curiosidades dos jornaes, revistas e almanagues, é a gente levada a fazer da educação de



Recordando o reinado de momo

nosso segundo imperador é esse o de maior vulto, ou melhor, aquelle em que os chronistas encontraram mais vastos elementos para avultar. São duas grandes entidades sem contacto, são duas majestades se defrontando: a do genio na figura universal do poeta dos *Châtiments*; a do throno, na serena simplici-

Pedro II um juizo muito precario e pouco lisongeiro, quando todos os traços de sua vida revelam que, a par de sua encantadora singelesa, elle foi um dos homens mais finos do seu tempo e um dos varões de maior austeridade e circumspecção que já empunharam um sceptro.

E como se conta por ahi o tal jantar?

O jantar em casa de Victor Hugo

Do «Bahù Velho» — Viriato Corrêa

Um dia, o de 25 de maio do 1877, Pedro II, ás nove horas da manhã, apresenta-se em casa de Victor Hugo, em Paris, á rua d'Eylau. Conversam longamente. No correr da palestra, o imperador fixa o olhar numa mesa, onde repousa um volume da *Art d'être grandpère*. O autor do obra levanta-se, apanha o livro e molha a penna.

— Que vac fazer? pergunta-lhe o monarcha.

— Apenas escrever dois nomes, o vosso e o meu, responde o escriptor.

D. Pedro sorri satisfeito.

O autor dos *Misara-veis* escre-

ve: «A d. Pedro de Alcantara — Victor Hugo». O imperador recebe o livro alegremente.

— Esqueceu-se da data diz.

Victor Hugo escreve a data.

— Eu desejava, fala d. Pedro, um dos vossos desenhos.

O poeta dá-lhe uma vista do castello de Vienden-

Jeanne, a neta do escriptor, entra na sala. D. Pedro, gentil, pede fidalgamente:

— De-me a ventura de ser apresentado a Mlle. Jeanne.

Victor Hugo, com ternura de avô que quer deslumbrar a neta, dá um tom solenne á voz:

— Jeanne, apresento-te o Imperador do Brasil!

A menina fita o monarcha, surpreendida, e diz singelamente:

— Mas elle não tem a vestimenta.

Risos.

D. Pedro segura as mãozinhas da creança.

— Beije-me, mademoiselle.

Ella entrega-lhe o rosto.

— Abrace-me, aperte-me o pescoço, insiste o velho.

A menina afoga-o nos seus braci-nhos. Entra Georges.

— Sire, diz o poeta, apresento o meu neto a vossa magestade.

— Aqui não ha senão uma majestade: Victor Hugo replica o Imperador.

O velho escriptor commove-se:

— Sire, sois um grande soberano.

E d. Pedro chama para o seu lado o pequeno Georges e acariciou-lhe demoradamente os cabellos.

Até ahi não ha nada mais correcto.

Mas no fim da visita, o imperador pergunta ao dono da casa:

— A que horas janta?

— A's 8 horas.

— Virei um destes dias pedir-lhe um jantar.

— Quando quizerdes; se-reis bem vindo.

E' alguns dias depois quando Victor Hugo entrou á noite em casa, encontrou d. Pedro II, acompanhado do Visconde de Bom Retiro.

— Vim iantar, disse sua magestade, e trago comigo um dos meus melhores amigos.

Os chronistas vêem nesse gesto de d. Pedro uma alta

companheiro. Quiz assim, radamente e levando um com esse rasgo de camaradagem, mostrar a sua infinita admiração pelo grande vulto da literatura franceza e dar tambem um attestado eloquente de que, apesar de testa coroadada, era uma creatura de extrema simplicidade.

Mas, senhores, isso não é ser simples, é ser simplorio.

E Pedro II era um homem culto, intelligente, e principalmente, educado. Não se convidaria para jantar em mesa nenhuma. Quando quizesse distinguir uma creatura com a sua admiração, com a sua intimidade, levaria essa creatura para a sua propria mesa.

Devia ser um homem com a noção da medida e a noção dos meios. A Europa não é Brasil, onde quem chega á nossa casa, á hora das refeições, almoça ou janta.

Devia saber e sabia as exigencias sociaes do ambiente francez. Na França, principalmente na França, ninguém se apresenta em casa alheia para almoçar ou jantar, sem aviso previo e ainda mais com um companheiro.

Seria uma *gaffe* incompativel com o cavalheirismo do nosso monarcha.

E o curioso em toda essa historia, é que, quem concorreu para o seu desvirtuamento, foi o proprio Victor Hugo.

Tudo que se conta a respeito do celebre jantar fo



Os interessantes e intelligentes meninos Antonio Carlos e Benedicto Sylvio, filhinhos do prof. Benedicto B. Alvarenga e d. Maria de Lourdes Ourique Alvarenga,

expressão de superioridade. O monarcha brasileiro era um homem de tão encantadora bonhomia que, além de se convidar para a mesa do escriptor de *Notre Dame*, apresentou se inespe-

tirado do diário do creador dos *Miseráveis*.

Lá estão, uma por uma, as palavras de Victor Hugo:

« Elle (o imperador) perguntou-me: — A que horas janta? — A's 8 horas respondi. Elle disse-me: Virei um destes dias pedir-lhe de jantar. — Quando quizerdes, sereis bem vindo, retruquei. »

E mais adiante:

« Alguns dias depois entrando para o jantar, encontrei em casa o imperador com o visconde de Bom Retiro. E' um homem bastante distincto.

-- Senhor Victor Hugo, disse-me elle, vim jantar comsigo e trago um dos meus melhores amigos. »

E' horrivel. Como la está no diário do poeta, o nosso segundo imperador representa um papel tristissimo.

Mas teria o escriptor francez a intenção de diminuir e amesquinhar o monarcha brasileiro?

Nenhuma.

Em primeiro lugar, o que lá está escripto são notas radidas de um diário, simples lembrete á memoria, para uma posterior explanação. Não a nada definitivo. Em segundo lugar, é muito perigoso acreditar a gente no que dizem os poetas.

Victor Hugo, além de ser uma creatura fastidiosamente imaginosa, tinha o culto ardente do seu eu. Sabia-lhe bem fazer suppôr que o seu prestigio era tanto que os testas coroadas se convidavam para a sua mesa, e melhor lhe sabia se, aqui fóra, se acreditasse ser a sua mesa tão opulenta que podia receber de improviso a honra de um imperador.

Ernesto Mattoso é quem reduz o episodio ás verdadeiras medidas. E redu-lo pelo roteiro da versão que lhe veio do testemunho do

visconde de Bom Retiro.

Ao chegar a Paris, em 1877, Pedro II fez saber a Victor Hugo quanto lhe seria agradavel um contacto amistososo. O escriptor, em termos gentis, mandou dizer ao imperador que os seus credos politicos impediam-lhe de ir ao encontro de monarchas, mas, se d. Pedro lhe quizesse dar a honra de fallar-lhe, elle estaria em Versailles, em dia de sessão do Senado.

O imperador foi a Versailles. Não houve, porem, sessão; Victor Hugo não compareceu.

No dia seguinte, pelas nove horas da manhã, Pedro II foi bater á casa do poeta.

Aquellas scenas do offerecimento da *Art d'être grand-père*, do desenho, das caricias feitas a Jeanne e Georges, são verdadeiras.

Ao erguer-se para sair, o imperador não pediu jantar nenhum. O que fez é o que ha de mais gentil e mais fidalgo. Com a mão do poeta nas suas, disse:

— Agora os seus escrúpulos devem ter desaparecido; fui eu que vim visitá-lo. Não ha mais razão para privar-me de sua visita. Não quero deixar Paris sem o grande prazer de jantar em sua companhia. Fixe um destes dias para vir jantar comigo no meu hotel ou onde melhor lhe convier.

Victor Hugo, encantado com a cortezia, respondeu:

— Sire, nesta casa janta-se sempre ás oito horas.

O poeta insistiu depois no convite. Ficou então assentado que seria numa terça-feira, dia em que Victor Hugo costumava receber amigos á sua mesa. O facto de ter sido o jantar numa terça-feira, dia de recepção em casa da poeta, mostra que houve combinação.

D. Pedro apresentou-se

acompanhado do visconde de Bom Retiro, como avizára anteriormente ao dono da casa. Um imperador não pode apresentar-se sózinho, como um mortal qualquer, num jantar de certa cerimonia.

A' mesa — varios amigos do escriptor e, entre elles, o intimissimo Auguste Vacquerie.

Ao champagne, Hugo brindou o monarcha. Pedro II respondeu exaltando o poeta.

Palestrou se até meia noite. A' meia noite ceou-se. Só a uma da madrugada o imperador se retirou para seu hotel.

Assim é razoavel. Assim deve ser verdadeiro.

O Canto do Sabiá

Agora, todas as manhãs e todas as tardes, no meu quintal e nos do vizindário, um sabiá, que não lhe sei a cor, é infatigavel no desferir o seu canto melancolico.

Minutos sem conta preso á velha escrevaninha onde leio e escrevo, ou na cadeira de balanço da saleta de costuras onde acompanho a agulha manejada por mãos familiares, fico inteiramente absorto!

O scenário, por vezes, transmuta-se.

Sinto-me transportado ás margens de um rio: Iguassú, Pariguy, Yapó, Nhundiaquara.

Acerco-me daquelle trecho onde arvores mais o ensombram. E' a minha pobrezinha veia poetica, que tanto mal tem feito a muita gente. — inoffensiva que ella é! — mais uma vez, de subito, desperta:

Existe, belleza, existe,
Aqui... Ali... Acolá...
Oh! que alegre o canto triste
O canto do sabiá!

Comprehendo, então, a estima que os poetas teem pelo mavioso cantor das nossas mattas. O canto do sabiá é inspirador?

Curityba — Paraná

LÊO JUNIOR

"Miss" Brasil

De uma belleza viva e notoria
Surgiu soberba de frescura e gentil,
Apóz penóda lucta em nossa historia,
A unica e primeira — Flôr - Brasil...

Entre outras mais, teve a victoria
Com deslumbrante espada e fuzil,
Vertendo á terra em paz da gloria
A unica e primeira — Flôr - Brasil...

Sinto um patriota intimo febril
Impecto dantesco de dar palmas mil
A unica e primeira — Flôr Brasil...

Apesar de moço e coração viril
Atrevo-me a gritar com todo ardil:
Viva!... a unica e primeira — Flôr Brasil

Geraldo Noronha

"Miss" Minas Geraes

No teu olhar de uma expressão tão mansa,
Nas tuas faces de setim, mais brancas que o luar,
Fiquei a contemplar um dia e louco de esperança
Dormi em languido arrepio e comecei sonhar:

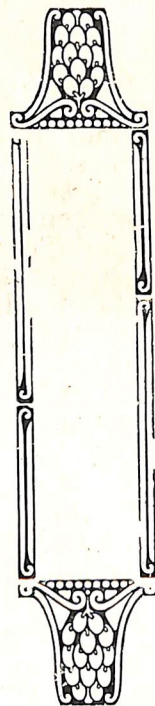
Teu porte infantil, da « Revista » se esvaira
Como uma flôr azul de trepadeira...
Na apothese nobre do salão de saphira!
Sorri a ti, sorriste a mim, doce e fagueira

Eu fui, tu vieste! que alegria imperiosa
Ficou minh'alma a cantar honrosa
Dansando a te jurar amor baixinho...

Mas depois — irritada a corte austera
Lançou-me alem dessa primavéra.
E eu despertei tristonho — Inda sozinho...

Geraldo Noronha

JUNDIAHY DE HONTEM E DE HOJE



Estampamos nesta pagina duas photographias, da Praça Floriano Peixoto. — Uma apanhada a vinte e poucos annos e outra a alguns mezes.

O confronto das duas photographias nos offerece optima oportunidade de verificar o progresso de nossa querida terra.

O medo de morrer

Tive em outro tempo — disse-nos o dr. Malteste enquanto conversavamos á sobremesa — um amigo que tido sido o companheiro dos meus annos de rapaziadas. Tinha tido, como todos nós, a sua parte de vida alegre, dando sempre ás coisas a importancia que ellas tinham, pois era espirito forte e são. Um dia essa creança grande enamorou-se, vindo dahi a maior das complicações porque ella, além de sua belleza, nada mais tinha, e elle só contava com o seu notavel talento musical. Foi-lhe necessario, sacrificar-se dando lições para poder viver. Casaram-se e pareciam felizes. Um anno depois, elle caiu repentinamente enfermo. Corri para a sua cabeceira. Aquelle arrogante moço que eu conhecera sem medo de coisa alguma e que caçava de tudo deante da mulher, atirou-se-me nos braços soluçando assim que ficamos sós.

— Que tens? perguntei-lhe.

— Tenho medo.

— Medo? Medo de que?

— Medo de morrer.

E dizia a verdade. Um suor frio lhe corria pela frente e todo o corpo lhe tremia.

— Compreendo, disse-lhe eu, receias deixar a tua mulher só no mundo sem recursos, com a amarga luta pela vida na sua frente.

— Não, não é isso, respondeu-me depois de uma breve pausa. Se tenho medo de morrer, é porque não cumpro a minha obrigação com ella... Amo-a e não me corresponde!

— Possivel, isso?!

— É sim... A vida é

tão cheia de mysterios!... Se eu pudesse viver ainda algum tempo mais, á custa de carinho e amor que ella compartilhasse de minha paixão. Ah!... Este pesadelo! Ter que a deixar, na certeza de se-
ra chorada a minha morte de que a minha memoria será para ella em breve uma cousa lá muito ao longe, como o de um ser que não soube cumprir suas promessas... Tinha-lhe prometido que trabalharia muito, que chegaria a ser alguém, que deixaria um nome honrado e admirado, que rodearia minha esposa de toda a especie de luxos e commodidades! Assim é que eu lhe tinha conquistado a alma. Afinal vou cedo de mais! É doloroso isto, morrer sem poder fazer nada, sem ao menos iniciar sequer o plano que me havia proposto seguir!... Oh!... Salva-me! Salva-me!... Tenho medo... Ajuda-me, defende-me!

Tive uma pena immensa daquella dolorosa afflicção e respondi:

— Não tenhas medo...



A sciencia e a amizade se unirão para te salvar.

E salvei-o.

No anno seguinte, um terrivel ataque cerebral o levou novamente a cama.

Ausente, eu nos primeiros momentos, outro medico lhe assistiu, acudindo eu em busca da noticias ao collega, este me deu as peores possivel. O enfermo estava irremediavelmente perdido... Recordei, então, o que havíamos falado, eu e o meu amigo com referencia ao seu terror pela morte.

Não se tinha operado qualquer mudanda na sua existencia. O doloroso segredo da sua vida devia, sem duvida, existir ainda.

O medico confiou-me que elle morria em consequencia de excesso de trabalho. Tinha, effectivamente intentado um esforço supremo: concluir uma obra musical que devia tornalo celebre. A partitura estava ali, sobre a meza... pobre sonho chimerico, destinado a viver ignorado.

Entrei no quarto com o coração opprimido. O enfermo agonizava. A esposa ajoelhada junto ao leito, soluçava desesperadamente.

— Estou contente, disse-me elle quando me viu. A morte agora não me assusta mais.

Estendeu-me a mão, a sorrir, e expirou.

Mais tarde, tive a explicação daquelle sorriso. O meu finado amigo havia tido tempo de concluir já sua obra prima, em cujo trabalho, de composição sacrificara a vida. Tinha a certeza, a convicção profunda de que encerrava uma gloria absoluta e chamára a esposa para lhe dizer quando sentira os primeiros syntomas da enfermidade que o matou:

— Faze tudo que esti-

A INSTALLADORA

Rua do Rosario, 63 — Telephone, 369

(Praça da Independência)

Motores, transformadores, lustres, plafonieres, oleo para qualquer especie de machina. Grandes exposições permanentes de artigos de luxo e phantasia. Dispondo de habéis engenheiros electricistas, encarrega-se de installações de luz e força, fazendo levantamentos de plantas e orçamentos. — Lâmpadas de todos os typos e todas as potencias. —

Artigos de electricidade em geral

Annuncios luminosos, para todos os preços



PHOTOGRAPHIA IDEAL Alexandre Janczur



Com casa especial de molduras para quadros espelhos, vidros, porta-retratos de crystal, santos em alto relevo, estatuetas e estampas.

Camafa
escura
para
amadores

Machinas photographicas, films, chapas, reveladores, etc.

Rua do Rosario, 30
Telephone, 396
JUNDIAHY

Um sorriso para tudo . . .



Um sorriso . . . para o travor amaro que a ingratidão nos occasiona e que faz com que a indiferença se aninhe em nossos corações, se não a recebermos com a propria indiferença de quem já está habituado a ingratidões.

Um sorriso . . . para o invejoso que lança sobre nós a peçonha de sua baba repellente, tentando macular, destruir aquillo que construímos com o nosso trabalho e que a sua incapacidade é incapaz de idealisar e muito menos de o realisar.

Um sorriso . . . para as amarguras que a vida nos offerece e que faz com

que as vezes ella seja um fardo pezado, e cujo pezo parece excessivo para aquelle que o recebe com a desesperança na alma e o desalento no coração desilludido.

Um sorriso . . . para o despeitado que criticando a nossa obra, nada mais faz que nos engrandecer porque os atacados se são invejados é porque tem algum merecimento, que o despeito de outrem procura encobrir.

Um sorriso . . . para a tristeza de uma saudade dos tempos em que, felizes, amando, sentiamos o doce calor de labios num beijo cheio de ternura, rico de meiguice e prenhe de sinceridade.

Um sorriso . . . para o orgulhoso que passa ao nosso pé, cujo exterior, de rouparias finas e ademanes distinctos é a antithese do seu intimo todo elle andrajoso e misero.

Um sorriso . . . para o ciúme misero, de quem não confiando em si proprio, desconfia da pessoa amada ou que diz amar, dilacerando assim os mais puros sentimentos que o coração aninha.

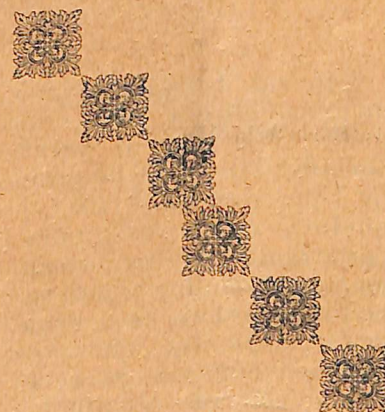
Um sorriso . . . para a invernia dos annos, em que nos recordando da mocidade, conservamos nitida no espirito a imagem da quadra feliz e risonha dos descuidados annos do amor.

Um sorriso . . . para as misérias da vida que diariamente nos apresenta no seu vasto palco os mais tragicos dramas e mais gaiatas comedias, numa transmutação de scenas que nos empolga e nos subjuga.

Um sorriso . . . para os nossos ultimos dias, quando já proximos da grande viagem sentimos a frialdade da morte no seu ultimo abraço, abraço que nos transporta a medo para o ignoto das regiões do alem

Um sorriso... para tudo...

MARCOS VINICIUS



Uma do...

Fausto

O Fausto Pires, aquelle rapaz moreno, que trabalhava no Cartorio do Joly e que em tempos que já se foram teve um bigodesinho que não era muito sympathico ás meninas da terra, gosta, e bastante da vizinha cidade de X. Quando consegue obter uma folga-sinha no Cartorio... zás... vae á cidade de X. E tem razão para gostar da terra — o povo é bom, é fidalgo; a cidade é linda, é catita; suas filhas são gentis, são graciosas e seu clima é a-

meno, é agradável. Gaba-mo-lhes pois o gosto.

X. é um municipio essencialmente agricola, onde abundam os fazendeiros abastados, tornando assim municipio rico. Em cidade rica, naturalmente que o dinheiro corre — por assim dizer — a rodo. Dizem que quem se aproveita do facto são os discipulos de Hypocrates e de Esculapio. Fazem pagar caro os seus serviços profissionaes.

Uma das vezes em que o Fausto foi á cidade X., foi acommettido de uma indisposição que embora sem gravidade, requereu os cuidados de abalisado facultativo local. O medico chamado attendeu promptamente e mais promptamente ainda pol-o bom e es-correito.

Passada a borrasca, o Fausto como rapaz serio e cumpridor de seus deveres que é, foi procurar o seu salvador, para pagar-lhe os honorarios devidos.

O medico *metteu-lhe a faca*—como se diz na gyria— e com o melhor sorriso -es tendeu a mão para receber a importância que o Fausto pagou sem pestanejar, mas que lhe causou seria avaria nas finanças.

Regressando a Jundiahy, o Fausto contava o succedido n'uma roda amiga, no Casino Jundiahyense. Entre os ouvintes estava um rapaz, filho da cidade X. e que aqui se encontrava a passeio. Quando o Fausto terminou de contar a sua historia, o rapaz confirmando o caso, disse:

—E' verdade! Os medicos de X. são careiros. Elles cobram de *facto*!

E o Fausto, lembrando-se da «facada»:

—E'! Elles cobram de *facto*, mas deixam a gente sem *fato*!...

SULTÃO

MAIO

Da capellinha branca, ao som festivo de sinos, ellas, como bandos de pombas em revoada saem risonhas e felizes. Os seus corações purificados nesse dia, tiveram o contacto sublime de Deus — martyr na forma da alva hostia consagrada.

São flores que despertam para a vida e que surgem com a primavera levando em artisticos ramalhetes outras tantas flores ao altar da Santissima Virgem que, do alto do seu pedestal de gloria envia um olhar dulcissimo de ternura e de piedade.

Lyrios purissimos que desabrocham, symbolos de castidades immaculadas. Psalmos que sobem aos céos azues envolto em nuvens perfumadas de myrra e de incenso. Creanças, trefegas creanças felizes.

Por quem sois, anjos celestiaes baixados das alturas, não deixeis crescer as azas impolutas nas chammas vorazes que se desprendem a todo instante neste mundo de miserias. Oh! não vos deixeis rolar ao pó da terra, no ludibrio de promessas fallazes e de falsas illusões.

Lembrae-vos no momento angustioso de resvalar para o peccado, deste mez

purissimo de Maio, em que vós, creanças amigas, pela vez primeira em vossa vida, vos identificasteis em sangue com Aquele que expirou no Calvário, por nós, pela humanidade toda!

A cegueira do mundo não vale os vossos olhos brilhantes. Proseguí sempre, creanças, com a fronte levantada aos céos infinitos, como se lyrios fosseis, pela sua brancura immaculada.

Não vos desvieis nunca do caminho que vos conduzirá um dia ao paraiso celestial, junto ao grande Deus dos universos. Aquelle á quem vosso coração tanto aspira neste momento. Muito embora seja longo e cheio de pedrouços e espinhos, não vos desvieis nunca para veredas curtas e alicatifadas

de flores. Estes são os caminhos oppostos ao da virtude que trilhaes, miragem que vos levará fatalmente ao negro abysmo do peccado e de onde jamais vos erguereis immaculadas como dantes.

Lucteis sob o labáro sagrado da virtude, que a Virgem do seu altar florido não vos deixará sem a luminosidade do seu piedoso olhar, unico incentivo para a certeza do triumpho.

Da capellinha branca, ao som festivo de sinos, ellas como bandos de pombas em revoada, saem risonhas e felizes. Os seus corações purificados nesse dia tiveram o contacto sublime do Deus martyr na forma da alva hostia consagrada.

Itatiba, Maio de 29
ARRUDA CAMARGO

Quem experimentar



PURGATIVO SALINO GAZOSO BOM PALADAR SEM DIETA EFFEITO PROMPTO

CAJÚ PURGATIVO

Nunca mais usará outro purgante
A' venda em todas
as Pharmacias

UM CONTO

Mauricio de Avellar, apesar de seus vinte e quatro annos, vivia (ao que se dizia) num mundo de sonhos, como se estivesse ainda na primeira phase da adolescencia. Pareceria, por certo, um retrogrado, analysado á luz do seculo XX. este nosso radioso seculo, em que predomina o mais secco utilitarismo e o mais rigido praticismo. Aos intimos, que lhe ousassem, em gracejo, criticar esse seu modo de ser, elle respondia com frases assim: «Sentimentos ninguem os modifica». Até mesmo citava Pascal: «O coração tem razões que a razão não conhece».

Pois bem, esse homem assim, teve um dia em seu caminho — era fatal — uma mulher, mas um desses typos invulgares de belleza, além de possuidora desse temperamento ardente das perturbadoras morenas do nosso septemtrião.

Era singular como se quizessem taes pessoas: elle era um bohemio amoroso, mas sem esse entusiasmo vivo que arde no sangue de quem, moço, sente a vida em toda a sua plenitude. Ella era a manifestação sublime da loucura amorosa. Ardente e sensual. Encarnação miraculosa da volupia.

Talvez só existisse uma razão unica de ser na aproximação desses dois entes; justificar o que Leibnitz chamava a belleza dos contrastes.

Aquelle moço que aparentemente se manifestára

CASA DE Encanamentos

Cyriaco Vidili

Rua Barão de Jundiahy, 55

um vulgar sentimentalista um amoroso commum, era, entretanto, e apenas isso — um estheta. Amava Edna Barroso pelo interesse artistico que ella lhe fornecia. Elle via naquella mulher a mais pura manifes-

Confeitaria SERENO

Bebidas finas, licores, Aperitivos, Vinhos, Aguas Mineraes e refrescos.

Doces, fructas e chocolates. Charutos e Cigarros.

Antonio Sereno

Rua Barão de Jundiahy, 118 — Largo da Matriz — JUNDIAHY

tação de belleza humana, a mais alta expressão do bello fixada num corpo vivente. Consequencia: desencadeou-se entre os dois o vendaval das desavenças continuas. Era a reacção animal do instincto feminino ante a frieza do temperamento sobrio de um homem voltado unicamente ao seu interior, ás cousas transcendentaes.

Ella era apenas um motivo de arte em sua vida e, quantas vezes, após discussões fortissimas, em que ella cahia, succumbida a ataques violentos de hyperhysterismo, não permaneceu elle extactico, em contemplação profunda, diante daquelle corpo maravilhoso.

Ella procurava nelle o homem e quasi sempre encontrava o artista. Situação insustentavel, que os ia afastando aos poucos... Elle ia perdendo-a lentamente... E perdeu-a afinal... Mas a sua imagem ficou-lhe na retina, assim como "a ultima visão permanece na mente de quem cegou"...

Aquelle moço apparentemente sentimentalista, que dizia ter o coração razões que a razão não conhece, nunca, nunca experimentou, entretanto, a sensação puramente amorosa de uma afeição real. Tinha alma, não tinha coração. Só assim se justifica o seu suicidio quando um dia viu, de volta, penetrar a sua porta, aquella mesma mulher que fôra o seu enlevo de artista, cabellos grisalhos, faces enrugadas, labios murchos, impiedosamente deformada pela mão sacrilega do tempo...

Aquella carcassa extinguiu a visão maravilhosa da mulher que se fora... Era-lhe impossivel a vida...

NAPOLEÃO FERRAZ

Casa Dois Irmãos

A MAIS
BARATEIRA

Especialidade em moveis de estylo, tapetes, colchões e fazendas. — Completo sortimento de CONGOLEUM «Sello de Ouro», LINOLEUM, passadeiras e tapetes de lã. — Grande sortimento de casacos para senhoras e senhoritas,

Fabrica-se sob medidas.

Relogios de parede

Carrilhões — Dormitorios e Sala de Jantar, artigos finos. — Vendas a dinheiro e facilitamos os pagamentos ; : : :

SAMUEL BULIS

Rua Barão de Jundiáhy, 71
Telephone N. 379

Casa Oliveira

Completo sortimento de ferragens, Louças e tintas Cimento, Arame farpado, Telhas de zinco, Fornicida superior e Sementes. — Artigos de electricidade em geral. — Seccos e Molhados — Vidros para vidraças —

A. J. Oliveira

Rua B. Jundiáhy, 108
Telephone, 89 - Jundiáhy



Salão Americano

de

Raphael Ungaro

Rua do Rosario, 65 - Phone, 261

O proprietario, contando com officiaes peritos, faz sciente que está apto para servir ao mais exigente freguez. Serviço feito com hygiene e perfeição. Attende á domicilio. — Grande sortimento de perfumarias finas. — Annexo, com entrada independente, um bem montado gabinete para senhoras, obedecendo aos seguintes preços:

Dias de semana 2\$500
Sabbado 3\$000

Cooperativa do Povo

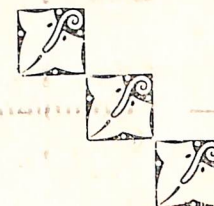
DE

Salvador Jaroslavsky

Moveis de todos os estylos. Completo sortimento de tapetes, oleados e passadeiras das afamadas marcas «Congoleum» e «Linoleum» Confeção de casacos para senhoras, capas e roupas para homens. A casa mais sortida no genero! Preços os mais BARATOS! Facilita-se o pagamento

Rua Barão de Jundiáhy N. 77

Correio de "Sultana"



Genoveva Lourenço — S. Paulo — Recebemos seu trabalho. Esta bom. Infelizmente a falta de espaço com que vimos lutando impediu que o publicassemos. No proximo numero.

Leo Junior — Curityba — Recebemos as monographias e tudo o mais quanto a sua extrema gentileza nos obsequiou. Infelizmente não nos foi possível fazer uma apreciação sobre as mesmas neste numero. No proximo numero. Estamos em falta consigo. Até agora não retribuimos as suas muitas gentilezas. Seguirá carta por estes dias. E muito obrigado.

F. Pessolano — C. Limão — Motivos independentes de nossa vontade impediram a publicação de seu optimo trabalho. Quando vier a cidade appareça. Precisamos falar consigo.

Raul O. Delgado — Avaré — Publicamos hoje o seu ultimo trabalho. A falta de tempo com que vimos lutando de certa epocha a esta parte, impediu-nos de responder á sua carta. Esperamos fazel-o dentro em breve.

Duilio Gambini — Avaré — Que é feito do bom amigo que não apparece? Estamos com saudades suas. Quando escrevermos ao Raul, escreveremos a si tambem. Por estes dias.

Perola Pallida — Nesta — Gostou da offerenda do Léo Junior? Convenceu-se agora de que o Léo Junior é o homem que sabe captivar e sabe impor a sua sympathia? Quando escrevermos a elle fazemos o que pede.

Aro — Nesta — Não houve espaço para aquella « tirada » da « cavação » Custou, heim?

L. Trebeis — Nesta — Bom o seu trabalho. Publicamos hoje. Appareça sempre. Estamos ao dispor de suas ordens.

Rex — Nesta — Já ha alguma cousa para o proximo numero? Este mez vamos providenciar a confeção dos « clichês » mais cedo, para evitar a repetição dos factos do mez de Maio.

JOÃO DO ORIENTE



PMJ
UGC - AH